

Animação de Bibliotecas e Espaços Museológicos: reflexão (crítica) sobre uma experiência de promoção de leitura e literacias

ANA MARIA PESSOA

ana.pessoa@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Resumo

O objetivo deste texto é refletir sobre a conceção e a área ocupada pela Unidade Curricular de Animação de Bibliotecas e Espaços Museológicos no curso de Animação e Intervenção Sociocultural. As práticas nela desenvolvidas, de 2014/2015 ao presente, são aqui enunciadas e partilhadas. Reflete-se ainda sobre as experiências inovadoras que, nas áreas da leitura e literacias, bibliotecas, museus e espaços museológicos, animação destes espaços, promoção de leitura, se colocam a profissionais de animação

Palavras-chave:

Promoção de leitura, Animação de leitura, Animação de Museus, Animação de Bibliotecas, Prática Pedagógica Reflexiva no Ensino Superior.

Abstract

The main goal of this text is to reflect about the construction and the area occupied by the Curricular Unit of Animation in Libraries and Museological Spaces in the Community Development and Sociocultural Intervention Course. The practice developed, from 2014/2015 till present day, will be identified and shared here. We present a reflection about innovation experiences, in the areas of reading and literacies, libraries, museums, animation and promoting reading, that defy any professional in the animation area.

Key concepts:

Promotion of reading, Reading animation, Museum animation, Libraries animation, Reflective Pedagogical Practice in Higher Education.

Introdução

Este texto apresenta-se como uma forma de pensar o investimento que ao longo dos últimos anos temos vindo a fazer na área da Animação de Bibliotecas e Espaços Museológicos (ABEM).

Desde o princípio foi uma área pejada de dúvidas e incertezas mas também de uma vontade persistente de refletir sobre a questão da promoção e da animação da leitura junto de futuros profissionais de Animação Sociocultural.

A idealização, reformulação e consecução de um percurso científico e didático nesta unidade curricular foi partilhada sempre pelas equipas docentes com a coordenação do Curso de Animação e Intervenção Sociocultural (AIS) e com as/os estudantes do mesmo.

Ao longo destes anos foram mais de seis as equipas que concretizaram os eixos da Unidade Curricular (UC), os formatos de trabalho, as formas de sistematização e os apoios bibliográficos e teóricos aplicados. Tivemos sempre sessões com fragmentos expositivos nos quais os/as docentes divulgaram os conhecimentos teóricos mais atualizados e problematizadores disponíveis. Através do fornecimento de diversas fontes e documentos, as/os estudantes foram constantemente ouvidas/os para apresentarem dúvidas, para acederem a outros temas (não)

incluídos em sessões presenciais. O diálogo permanente entre docentes/coordenação de curso e estudantes esteve na origem, como veremos, de muitas das alterações que foram sendo introduzidas e testadas na implementação desta unidade curricular de opção. cremos que este percurso partilhado é uma das marcas que defendemos e que caracteriza a forma como diariamente entendemos a promoção da leitura e a respetiva animação.

Partilhar as perspetivas científicas, didáticas e pedagógicas subjacentes a esta Unidade Curricular, opção no 3º ano do curso de Animação e Intervenção Sociocultural, contribui para pensar o percurso trilhado até agora assim como (re)formular e apresentar novas linhas de evolução.

Há dois anos pensámos que uma reflexão deste tipo faria algum sentido no 5º Congresso Nacional de Práticas Pedagógicas no Ensino Superior (CNaPPES, 2018) porque é um fórum que pretende pôr em diálogo, entre pares, a disseminação e reflexão sobre práticas. Porém, logo que soubemos da concretização de um número temático desta revista sobre Animação e Intervenção Sociocultural, considerámos que faria mais sentido submeter-lhe o texto porque, a ser aceite, seria um contributo mais para pensar, em conjugação com outros, o

papel desta UC no plano de formação de animadores socioculturais.

Este escrito quer-se como uma oportunidade de reflexão sobre o percurso que se tem feito, sobretudo ao longo dos últimos seis anos, ou seja, desde a adoção do novo Plano de Estudos, para dele inferir até que ponto se tem contribuído para a concretização de uma aprendizagem e prática adequadas nas áreas de leituras ao desejado perfil de profissional em formação.

Embora de uma forma muito abreviada, antes de enveredar pela apreciação do percurso desta UC no currículo deste curso, há que apresentar alguns dos pressupostos de que se parte no que à questão da prática pedagógica reflexiva no Ensino Superior se refere.

A maioria dos/as docentes do ensino superior em Portugal não tem formação inicial na área pedagógica. A certificação profissional emana de um reconhecimento científico de grau, o doutoramento na maioria dos casos. Perrenoud (1993) defende que, bons/boas profissionais nesta área têm de refletir “quotidianamente sobre as suas práticas, com o objetivo de aprenderem, desenvolverem estratégias, melhorarem as suas práticas pedagógicas” (Reis, 2006, p. 2). Este obstáculo, aliado à falta de uma cultura no ensino superior que incite à

reflexão e a limitada pontuação atribuída à prática pedagógica na avaliação do desempenho docente, neste nível de ensino, são apenas três dos muitos obstáculos que limitam uma prática desse tipo da parte de cada docente implicado/a.

Dewey (1910) tinha já sublinhado a importância da experiência (que tem como elementos constitutivos a interação e a continuidade) e da prática como base da atividade reflexiva docente. No mundo da prática pedagógica no ensino superior, que aceita as rotinas estabelecidas como verdades inquestionáveis, a reflexão individual (e mesmo coletiva) põe em causa essa forma de estar na profissão, permitindo um salto para a reestruturação e para a inclusão de novos saberes e inovação científica.

É esta a perspetiva que se pretende partilhar também neste texto. Porém, ele apresenta-se ainda como uma forma incipiente desse questionamento da prática uma vez que se mostra mais descritivo do que reflexivo (crítico) ou seja, insiste-se mais na descrição das motivações que estiveram na reestruturação das práticas dos últimos dois/três anos do que na enunciação de todas as alternativas, análise das consequências e princípios subjacentes às modificações e aos resultados esperados (Reis, 2006, p. 13). Uma verdade inquestionável é que, após este

processo, se tem consciência de que este foi um primeiro passo no qual se parou para pensar, para refletir, para atuar e transformar.

Contextos institucionais e curriculares:

A Unidade Curricular de Animação de Bibliotecas e Espaços Museológicos (ABEM) é uma opção específica do 3º ano do Curso de AIS. Embora tenha tido diversos estatutos nos planos curriculares, faz parte do plano de estudos do curso desde o início desta oferta formativa¹, em 2004. Desde então e, até 2014/2015, foi vista como uma verdadeira opção curricular², apresentada como uma área que contribuía para a consecução das finalidades do Curso³. Fazia parte de um outro conjunto de ofertas que permitiam uma real escolha e não uma quase imposição, como agora acontece. Nos planos anteriores ao atual, o leque variado de UC optativas assumiu diferentes configurações. De duas opções possíveis (uma no 2º ano e outra no 3º) ABEM passou,

em 2007/2008, a fazer parte de um conjunto de opções específicas e profissionalizantes⁴ (num total de 9 possibilidades diferentes).

No plano vigente desde 2014, comumente designado *Plano pós Bolonha*, entre muitas outras alterações de fundo nele incluídas, o conjunto de opções curriculares ficou reduzido a um mínimo de três: ABEM, Organização e Produção de Eventos e Formação de Formadores. Desde há dois anos, apenas a primeira e a última têm funcionado.

Embora sejam definidas como opções curriculares, esse não é, porém, o estatuto real de que gozam. Como as duas UC funcionam então em regime de alternativa e dado que aquela última confere, no final, o certificado de Formação Pedagógica de Formadores⁵, não surpreende que a maioria dos/as estudantes que frequentem ABEM o façam apenas com base em dois critérios: não ter tido vaga na UC de Formação

¹ Criado pela Portaria n.º 841/2004, de 16 de Julho e [Apresentação da] Escola Superior de Educação. https://www.si.ips.pt/ese_si/web_base.gera_pagina?P_pagina=24706.

² Oferecida então também para os cursos de PAP (Promoção Artística e Património), LEB (Licenciatura em Educação Básica). Neste momento, seguindo uma orientação científica bastante discutível como foi presente aquando da discussão da adequação

deste último curso ao processo de Bolonha, foi deles suprimida, estando apenas disponível para este curso.

³ Descrição do Curso: https://www.si.ips.pt/ese_si/cursos_geral.For-View?P_CUR_SIGLA=ANIM

⁴ Adequação do Curso a licenciatura - Despacho n.º 11336/2007 de 8 junho.

⁵ Portaria n.º 190. Diário da República, 1.ª série. 29 de Setembro de 2010

de Formadores ou serem estudantes-trabalhadores/as a quem as respetivas entidades empregadoras em nada facilitem a possibilidade de frequência da UC. Sete estudantes têm, em 2019/2020, o estatuto de *trabalhador-estudante* (artigo 226º) e uma o de *mãe e pai estudante* (artigo 223º)⁶.

Apenas a título de exemplo, no início do semestre, antes de iniciar a UC, e depois de indagar junto de todos/as os/as estudantes sobre os critérios de escolha da mesma, constatámos que, nas respostas referem que “não havia outra opção” (B), “não gostava de nenhuma mas tinha de escolher uma” (F), “não tinha horário de trabalho para a outra”(I). Apenas três em dezanove estudantes, referiram o facto de gostarem dos temas que previam serem abordados em ABEM. Dois desses três casos enunciam outras razões que são interessantes: “como o meu estágio inicial era num museu, pensei que seria benéfica esta formação para mim” (B) e “fui aconselhada por uma estudante do ano passado que a frequentou e me falou bastante bem da mesma” (D).

Até ao ano de 2013/2014 ABEM foi sempre gerida por uma equipa

de docentes, oriundos/as das áreas da Língua e Literaturas e das Artes; contou ainda, até hoje, com uma professora que, por ser bibliotecária e ter vindo a desenvolver trabalho na área das bibliotecas públicas e escolares, é agora a responsável da UC.

Por questões sempre estranhas à vertente científica ou pedagógica, as equipas docentes de ABEM têm tido alguma instabilidade. Mesmo durante o período mais estável, entre 2014 e 2020, um dos elementos do par docente foi substituído em cada biénio.

Um constrangimento externo e burocrático tem vindo a interferir de algum modo com a forma como se materializa esta UC, do ponto de vista curricular: é a única que, com Formação de Formadores, funciona ao longo do 6º semestre do Curso, em simultâneo com o Estágio e o Projeto de Animação e Intervenção.

Nesse contexto os/as estudantes estão a intervir em espaços e a realizar propostas de trabalho nas ditas áreas de biblioteconomia, animação e promoção de leitura, desenvolvimento de literacias e animação,

⁶ Regulamento das Atividades Académicas e Linhas Orientadoras de Avaliação de Desempenho Escolar dos Estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS).

sem ainda ter tido apoio teórico e reflexivo que lhes permita compreender e intervir com segurança e, sobretudo, com alguma qualidade teórica e técnica, nesses meios. Estas questões têm sido sempre partilhadas entre as equipas docentes e a coordenação do Curso.

No ano académico 2016/2017 foi possível juntar esforços e fazer com que cada projeto de intervenção em Estágio, se nestas áreas, tivesse tido (como teve) o apoio e a supervisão teórica da equipa docente de ABEM.

Na sequência dessa experiência, no ano seguinte, ponderámos propor que a UC de ABEM funcionasse num esquema semelhante ao da outra UC opcional, Formação de Formadores que, desde 2015/2016, passara a funcionar em blocos concentrados, no período de interrupção entre semestres por, pedagogicamente, ter sido considerada melhor para os/as estudantes.

Apesar de nem a equipa docente nem o grupo de estudantes ter oposto quaisquer objeções, mau grado os esforços e a aceitação dos/as estudantes, essa forma de funcionamento não foi acolhida pela direção da instituição, para o ano 2017/2018. Criou-se então mais uma diferença entre as duas UC que deveriam ser similares quer nas condições de acesso quer nas de funcionamento uma vez que, a essa outra opção

nunca se pôs (que saibamos) problema algum por funcionar desta forma comprimida, entre semestres.

Essa proposta apenas visava melhorar a prestação da UC, sendo mais lesiva do trabalho para os/as estudantes e docentes do que a de trabalhar, como tinha sido até ali, de forma sequencial.

Esta proposta emergira na sequência da reunião de avaliação do curso que fora feita, como era/é usual, no final do ano anterior com os estudantes e todos os docentes dos três anos, em julho 2018, e na qual tinham sido aqueles/as a propor essa mesma solução.

Em 2018/2019, todos os obstáculos foram removidos e foi aceite que as duas opções passassem a funcionar nos mesmos termos, até ao presente ano.

Aquela insatisfação pedagógico-científica que sentíamos trouxe uma nova forma de trabalho e um modelo de aulas intensivo entre semestres, seguido de contactos tutoriais e encontros presenciais, de todo o grupo, para a realização de trabalhos de dois tipos: visitas de estudo a bibliotecas, museus e espaços museológicos assim como a teatros e ainda o apoio à conceção e concretização, em espaços de Estágio, de

atividades de promoção da leitura e de literacias diversas, dinamizadas pelos estudantes nos contextos de prática e fonte de reflexão sobre os contributos de ABEM para suporte teórico dessas mesmas práticas.

Pressupostos pedagógicos e didáticos

A esta UC foram atribuídos, aquando da reformulação e adaptação ao já referido *Processo de Bolonha*, como a muitas outras deste Curso, um conjunto de 5 créditos ECTS, entendidos como uma

unidade de medida do trabalho do estudante sob todas as suas formas, designadamente sessões de ensino de natureza coletiva, sessões de orientação pessoal de tipo tutorial, estágios, projetos, trabalhos no terreno, estudo e avaliação, nos termos do Decreto-Lei n.º 42/2005, de 22 de fevereiro, no designado *European Credit Transfer System* (ECTS). Conforme definido no IPS, corresponde a 27 horas de trabalho do estudante”⁷.

Este sistema tem em conta, como se faz nesta UC, as finalidades definidas e já enumeradas para o curso. Sempre se pretendeu, mesmo antes de esse ser um aspeto inserido nos Planos de Estudos, que esta UC de opção participasse no processo de desenvolvimento de diversas

competências transversais como aprender a pensar, estimular o espírito crítico, identificar pontos de vista interpretativos diversos assim como desenvolver competências de trabalho em equipa.

Para concretizar o programa de trabalho previsto, estão sempre reservadas algumas horas para a apresentação e partilha de todos os trabalhos produzidos pelos/as estudantes: este ano serão usadas duas horas para que cada grupo de trabalho partilhe, com os restantes grupos e com os/as estudantes de outros anos do curso, o percurso de construção, os projetos desenvolvidos e as reflexões realizadas.

A comunicação dos resultados da visita de estudo é feita sempre em sessão presencial na qual se identificam os problemas e desafios enfrentados; quanto à intervenções/reflexões sobre as sessões teóricas de trabalho realizadas, cada estudante tem de entregar um conjunto de, pelo menos, três a cinco intervenções e explicar as razões dessas escolhas.

⁷ Alínea p) art.º 3º do p) do Regulamento 371/2020 de 13 de abril. Disponível em: https://www.si.ips.pt/ips_si/web_gessi_docs.download_file?p_name=F1466834396/20200413_R_371_RAA.pdf

Os conteúdos das sessões teóricas são sempre partilhados com os/as estudantes através do envio por correio eletrónico, disponibilização nas Plataformas *Moodle* e, neste ano, também na *TEAMS* e *Zoom*. Cada grupo tem de facultar, a cada um dos outros, uma pequena sinopse dos trabalhos realizados para que a avaliação seja partilhada e compreendidos os critérios aplicados ao processo de produção e a cada produção de cada estudante assim como aos trabalhos realizados em grupo.

Cada sessão teórica foca-se num ou dois temas-chave e desenrola-se com recurso a dois tipos de apoio: identificação da bibliografia fundamental seguida na sessão e enumeração de outra que sirva para aprofundar, questionar ou cimentar as perspetivas desenvolvidas na aula. Os apoios e tutorias a trabalhos individuais são realizados após solicitação feita pelos/as estudantes; a discussão dos processos de construção do trabalho em grupo é feita sempre com a presença de todos os elementos que o compõem. Gravações das sessões realizadas

na Plataforma *TEAMS* são feitas sempre sob autorização, por unanimidade dos presentes, para posterior disponibilização a quem nelas não participou ou, tendo participado, necessita de rever dados.

Princípios científicos e pedagógicos

A opção de ABEM reflete, desde sempre, como enunciado no Programa⁸, a reflexão permanentemente atualizada e desafiante, sobre quatro áreas científicas: leitura e literacias, bibliotecas, museus e animação. Esta última está presente, em permanência, ao longo do desenvolvimento de cinco eixos: ver, ler, pensar, produzir e intervir. Ao longo do semestre organizam-se e planeiam-se atividades de animação cultural para bibliotecas e espaços museológicos e produzem-se materiais que estimulam e potenciam a utilização destes espaços por públicos diferenciados.

Um parâmetro ao qual damos particular relevo é ao da atualização científica constante e à preocupação de colocar os/as estudantes em

⁸ Disponível em: https://www.si.ips.pt/ese_si/disciplinas_geral/FormView?P_CAD_CODIGO=LAIS20020&P_ANO_LECTIVO=2019/2020&P_PERIODO=2S

contacto com toda a produção teórica que, nestas áreas, a nível nacional ou internacional, se produz em permanência. A correção concetual e a relação com a prática que cada estudante tem de integrar nas atividades que se propõe realizar, são dois pilares que suportam também o edifício teórico subjacente à opção.

Em articulação constante com a coordenação de curso tenta-se também contribuir com o trabalho aqui realizado, como descrito na sinopse do Curso, para

conhecer uma comunidade e/ou um grupo e estimulá-lo para se tornar participante ativo do seu próprio desenvolvimento, no sentido de um processo de melhoria e enriquecimento contínuo e numa lógica de educação ao longo da vida (...) e para conhecer e mobilizar os fundamentos pedagógicos, psicológicos, sociológicos e antropológicos que estão na base dos processos de trabalho característicos da animação e intervenção sociocultural [e] conceber, organizar e gerir individualmente e em equipa projectos de animação sociocultural (de animação e tempo livre, de intervenção comunitária, de lazer, de inclusão social, ...)⁹

Na conceção de finalidades, objetivos, conteúdos e metodologias a

implementar foram sempre tidos em conta os conhecimentos prévios que os/as estudantes já têm sobre estes temas quando chegam à frequência desta opção. Como em cada ano e, ao longo do curso, há outras UC cujos conteúdos e competências são fundamentais para o aprofundamento de conteúdos teóricos em ABEM e para o trabalho de identificação de competências transversais. A área de promoção da leitura e literacias, assim como as de bibliotecas e museus e sua animação, são aqui analisadas quer nas suas questões mais genéricas e globais assim como no desenvolvimento de especificidades destas temáticas.

Outros três aspetos do processo de diagnóstico incluem o questionamento de todos/as os/as estudantes quanto ao uso que fazem de livros, bibliotecas e museus, a relação que têm com leitura(s) e a escolaridade dos pais.

Em relação ao primeiro daqueles aspetos, desde 2014/2015 até hoje, não há qualquer alteração nos dados coligidos a partir do que os/as estudantes nos revelam. A maioria não gosta de ler e, quando o faz, é

⁹ Descrição do Curso: https://www.si.ips.pt/ese_si/cursos_geral.For-View?P_CUR_SIGLA=ANIM

mais por necessidade de realizar trabalhos de estudo do que por lazer” (C). A frequência de bibliotecas é feita apenas por motivos profissionais, sobretudo para acompanhar crianças à *Hora do Conto* e por vezes para “executar fotocópias” assim como para “consultas na Internet, exposições e *workshops*” (F) nas bibliotecas municipais das zonas de residência.

Uma vez que, do ponto de vista da promoção da leitura, se sabe que as condições de acesso à leitura em ambiente familiar são muito importantes no desenvolvimento de hábitos de leitura mais enraizados, outro dos aspetos em que incide o diagnóstico nesta UC é o da identificação do grau de escolaridade dos pais dos estudantes. Os Relatórios de Monitorização do Curso¹⁰, realizados nos últimos seis anos, mostram que a maior parte dos pais tem o nível de escolaridade básico e secundário sendo que, no total dos anos entre 2014/2017, o número de pais/mães licenciados/as não ultrapassa os 20%.

Neste ano académico a situação mantém-se com um dos pais com a

antiga 4ª classe e dois com a conclusão do secundário feita através das “unidades capitalizáveis” e outro através das “Novas Oportunidades”. Interessante é o facto de, em todos os casos em que um dos progenitores tem maior nível de escolaridade do que o outro, esse seja sempre a mãe.

A Unidade Curricular parte da análise do pensamento teórico sobre leitura e literacias, história das bibliotecas e da museologia. Procuramos romper com uma abordagem unicamente diacrónica insistindo numa visão sincrónica e interdisciplinar que permite, sem anacronismos, compreender a origem, evolução e permanência de obstruções à promoção da leitura, a questão de múltiplas literacias (escrita, oral, visual, corporal, mediática) e a contextualização e intemporalidade de bibliotecas, museus e espaços museológicos (como formas de salvaguarda de patrimónios, elevados pela burguesia ao estatuto de bens culturais). A problemática da unidade curricular cruza, de forma constante, a realidade nacional com a de outros estados e continentes. O

¹⁰ Relatórios de Monitorização [do Curso de Animação e Intervenção Sociocultural] https://www.si.ips.pt/ese_si/conteudos_geral.conteu-

[dos_ver?pct_pag_id=5491&pct_parametros=p_cur_sigla=ANIM&pct_disciplina=&pct_grupo=9435&pct_grupo=10622#10622](https://www.si.ips.pt/ese_si/conteudos_geral.conteu-dos_ver?pct_pag_id=5491&pct_parametros=p_cur_sigla=ANIM&pct_disciplina=&pct_grupo=9435&pct_grupo=10622#10622)

campo de questionamento mais forte em cada uma das áreas é ocupado pelas questões da compreensão e reflexão sobre a criação do *gosto pela leitura*, animação da leitura, acesso à leitura e capacitação de literacias várias; sobre a constituição de diversas redes de leitura e animação da leitura na contemporaneidade nacional, a problemática da nova museologia e do questionamento pós-colonial de constituição de acervos hoje contestados.

Como pode inferir-se de toda a documentação disponibilizada aos estudantes assim como da participação nas sessões teóricas e práticas e na consecução dos trabalhos para avaliação, cada sessão tem uma ou mais temáticas específicas: evolução diacrónica dos conceitos de leitura, leitura e classe social/profissional (Freire, 1989, 1982), escolarização da leitura(s) (Freire, 1981), escola e leitura (Moedas, 2000) leitura e literacias, promoção da leitura (DGLB, 1997; Prole, 2013), programas de divulgação e animação de leitura (PNL, 2006), leitura e animação cultural (Solla, 2013), história da leitura (Manguel, 2010), literacias múltiplas, sociedade e leitura (Costa, 2015), investigação e leitura (teses académicas). Na área das bibliotecas, abordamos a evolução diacrónica (Pinheiro, 2007), as tipologias e implicações contemporâneas (redes, conceções e animação); na área dos museus e espaços

museológicos, também a evolução diacrónica (Mascarenhas, 2007), assim como a construção de novos paradigmas sobre museologia (Leite, 2014; Sarr & Savoy, 2018).

Do ponto de vista da ligação à animação, visa-se também apoiar os/as estudantes na compreensão e intervenção em duas fases: nos contextos de estágio e, após conclusão da licenciatura, num contexto de atividade profissional interveniente e cientificamente sustentada.

Os trabalhos realizados para efeitos de avaliação são de três tipos: pequenas reflexões elaboradas a partir de textos teóricos divulgados nas sessões presenciais; visita de estudo a um museu ou espaço museológico com produção de um relatório reflexivo no qual se relacionam os dados das sessões com a vivência dessa experiência; e conceção de um projeto final de intervenção real na comunidade, na área de animação de públicos, em 2019/2020 subordinado ao tema geral proposto pela coordenação de curso, a saber, *Letras em viagem*.

Apesar de, em 2019/2020, o trabalho ter de se submeter às circunstâncias de emergência em que se desenrola a UC, as sessões posteriores a março 2020 são síncronas e assíncronas, realizadas com recurso a Plataformas de Ensino a Distância (EaD). Foi cumprido, na íntegra, o programa da UC. A visita de estudo foi virtual com produção de

relatório reflexivo. Para apoio à visita de estudo e ao trabalho final para concretização do projeto de intervenção, aumentámos exponencialmente o número de tutorias individuais, telefónicas e em conjunto por áreas temáticas dos projetos. Os trabalhos em grupo subdividem-se em subáreas, a saber: Letras em viagem e a Música, Letras em viagem e a Gastronomia, Letras em viagem e os documentários e Letras em viagem e livros de viagens.

Reflexões finais / Conclusões

Este texto é o primeiro esboço de um relatório reflexivo sobre a unidade curricular de ABEM. Tentamos que seja uma publicação que, como a Comissão de Avaliação Externa do Curso de Animação e Intervenção Sociocultural sublinhou, em 2014, no seu relatório de avaliação do Curso¹¹ (ponto 7.2.8.), faça parte de um acervo de apreciação e análise de práticas docentes que conduza à manutenção ou alteração de formas de estar e de investigar nesta área de formação profissional.

A experiência aqui reportada corresponde especialmente ao percurso

de dois dos seis últimos anos em que se tentou aprofundar uma relação estreita e já existente entre o curso e os conteúdos, atitudes, valores e competências desenvolvidos nesta UC de opção.

Pensar sobre o que se faz, numa atitude reflexiva sobre a prática pedagógica que desenvolvemos, é parte de um ciclo de aprendizagem que qualquer docente tem de cultivar. Esta UC é, paradoxalmente, uma das que mais e menos satisfação nos dá. Por um lado, está dentro de uma das áreas de eleição da nossa prática profissional e é uma das que mais desafios científicos nos tem colocado; por outro, quando todos os anos analisamos os diagnósticos sobre critérios de escolha da opção, sobre hábitos de leitura, competências nas áreas das literacias e sobre frequência de espaços culturais com ela ligados, como vimos, constatamos que os grupos com quem interagimos não estão, à partida, motivados para entrar num mundo complexo, com muitos entraves económicos e culturais. Porém, tem sido este mesmo ponto (que outros poderiam ver como desmotivante) o que mais nos tem desafiado neste percurso de ABEM. No final de cada ano, a avaliação feita

¹¹ Relatório A3Es. Disponível em: https://www.a3es.pt/sites/default/files/ACEF_1112_22427_acef_2011_2012_poli_aacef.pdf ponto 7.2.8

por cada estudante tem sido sempre unânime na defesa da manutenção da opção pelo contributo que traz para a vida. Não resistimos a citar uma reflexão que, neste ano, neste semestre, uma estudante já registou. “Comecei esta aula sem motivação. Terminei-a com a vontade de mudar o mundo” (CV).

Ao fim de mais de uma dúzia de anos, esta é a mesma atitude que, antes e no final de cada semestre, continuamos a ter perante a UC de opção de Animação de Bibliotecas e Espaços Museológicos e a sua relação com o Curso de Animação e Intervenção Sociocultural.

Referências Bibliográficas

Bibliotecas públicas. <http://bibliotecas.dglab.gov.pt>

Costa, A. (2003) *Processo de leitura: Leitura e papel da família*. [apontamentos sessão formação IPS]

Dewey, J. (1910). *How we think*. Boston: Heath & Co. Publishers.

Direção de Serviços do Livro. *Projetos de promoção da leitura*.

http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/promocaoLeitura/accoes-PromocaoLeitura/estudosLeituraPNL/Documents/os_estudantes_e_a_leitura.pdf

Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados Cortez.

Disponível em: <http://iseo.com.br/wp-content/uploads/2015/05/030-Importancia-ato-ler-Paulo-Freire.pdf>

Freire, P. (1992) *Alfabetização de adultos e bibliotecas populares - uma*

introdução. Actas do XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

<http://iseo.com.br/wp-content/uploads/2015/05/030-Importancia-ato-ler-Paulo-Freire.pdf>

GFEN (1978) *O Poder de ler*. Porto: Civilização Editora.

Junges, K. S. e Behrens, M.A. (2015). *Prática docente no Ensino Superior: a formação pedagógica como mobilizadora de mudança*. Perspectiva. Vol. 33, Nº 1.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v33n1p285>

DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2014v33n1p285>

Leite, P.P. (2014). *A nova museologia e os movimentos sociais em Portugal*. Cadernos do CEOM. V. 27. Nº 41. <https://bell.unocha-peco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2603>

Manguel, Alberto (2010) *Uma História da leitura*. Lisboa: Presença.

Mascarenhas (2007) *Práticas de gestão nos museus portugueses*. Lisboa: Universidade Católica.

Moedas, P. (2000) *Vivenciar o Prazer da Leitura na Escola*. Boletim Escola Moderna, nº 10, 5ª série. 2000 p. 11-18. Disponível em:

http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_3_trab_aut_acomp_indiv/123_c_01_viv_prazer_leit_pmoedas.pdf

Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação - Perspectivas Sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional.

Pinheiro, Carlos (2007) *História das bibliotecas no mundo ocidental*. Disponível em:

<http://www.slideshare.net/ladonordeste/historia-das-bibliotecas>

Reis, A.V. (2006). *Professores reflexivos: conceções dos supervisores da prática pedagógica*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/32483>

Sarr, F.; Savoy, B. (2018) *The Restitution of African Cultural Heritage. Toward a New Relational Ethics*. http://restitutionreport2018.com/sarr_savoy_en.pdf

Solla, L. (2013) *Ler e fazer ler: a animação da leitura em animação*. [Apontamentos sessão formação IPS]

Taquelim, C. (s.d.) *Animação à leitura: contributos para o desenho de uma sessão*. http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot_anima_leitura.pdf

Nota curricular

Ana Maria Pessoa é Professora adjunta da Escola Superior do Instituto Politécnico de Setúbal. É Licenciada em História (1980), Pós-Graduação Biblioteconomia (1984), Mestre em História da Educação/Educação Comparada (2000), Doutoramento em História da Educação/Educação Comparada (2006), assumindo diversas áreas científicas de intervenção: História da Educação, História das Mulheres, Comunicação e Média, Literacias e História Contemporânea.